

Um Discurso Em Nome de Deus: O Pagar Para Receber

Estêvão Tertuliano Santos Pereira¹

Cristina Maria de Oliveira²

Resumo: A Teologia da Prosperidade é um discurso novo? Foi em busca de respostas a esta pergunta que se baseou o presente ensaio. Tratou-se do discurso religioso como discurso dominante, em que os signos do discurso são tomados como uma verdade geral e absoluta, uma vez que seu sujeito discursivo fala em nome de Deus, e, portanto, torna-se dono da verdade. Dessarte, a fim de analisar esse discurso, dessacralizaram-se três discursos religiosos de autoria de seus líderes Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Agenor Duque, em consonância aos estudos de van Dick (2015), Maingueneau (2010), Charaudeau (2016), Dooley (2011), Citelli (2002) e Orlandi (2015). Mas, em primeiro lugar, aduziu-se o movimento cíclico e histórico do discurso religioso que prega a prosperidade. Afinal, não é de hoje o ouvir das vozes que vendem o céu. Por conseguinte, para um melhor entendimento do leitor, aduziu-se um breve cronograma de exigências de prebendas na história religiosa judaico-cristã, assim, contextualizando o discurso exigente de ofertas e dízimos aos movimentos religiosos: desde o judaísmo ao protestantismo atual. Porém, ao mesmo tempo, não se quis desmistificar o discurso religioso, mas elucidar as discrepâncias de tais discursos à luz do Arquitexto: a Bíblia, a fim de aproximar o leitor ao discurso de fé que se coaduna com o Livro, através do qual os reformadores lutaram tanto pela liberdade da consciência humana.

Palavras-chaves: Discurso Religioso. Dessacralizar. Teologia da Prosperidade. Verdade.

Abstract: Is The Theology of Prosperity a New Discourse? It is in search of answers to this question that was based the present essay. It was the religious discourse as the dominant discourse, in which "it is endowed with signs marked by superposition. They are signs that, put as expressions of 'a truth', want to impersonate synonyms of 'the whole truth' "(CITELLI, 2002: 41, translate by the author). And, dominating the truth with their rhetoric, they

¹ Acadêmico do Curso de Letras – UNICNEC/Osório - RS

² Professora de Análise do Discurso; Orientadora do estudo investigativo.

persuade their faithful to act according to their interests. In order to analyze this discourse, three religious discourses of their leaders Edir Macedo, Valdemiro Santiago, and Agenor Duque were deacralized in line with the studies of van Dick (2015), Maingueneau (2010), Charaudeau (2016), Dooley (2011) and Orlandi (2015). But in the first place, the cyclical and historical movement of the religious discourse that preaches prosperity was added. After all, it is not from today the hearing of the voices that sell the heaven. Therefore, although the reader finds a brief chronogram of requirements of prebends in Judeo-Christian religious history, in the present study there is no diatribe to religious discourse, but the desire to elucidate the discrepancies of such discourses in the light of the Architext: the Bible, in order to bring the reader closer to the discourse of faith that fits in with the Book through which reformers strove the freedom of human consciousness.

Keywords: Religious Discourse. Deacralize. Theology of Prosperity. Truth.

Introdução

A colheita é grande, mas poucos os operários! (Mt 9.37)

A princípio, a ideia deste estudo era apenas uma faísca. Afinal, analisar o discurso religioso não é uma tarefa fácil e agradável: não é fácil, pois toda análise precisa de muito estudo; e não é agradável porque pode desagradar a muitos deste meio sagrado. Porém, com a oportunidade que surgiu no meio acadêmico, sobretudo na disciplina de Análise do Discurso, do Curso de Letras, da UNICNEC de Osório / RS, viu-se a necessidade de pôr em análise o discurso religioso (e daí a faísca tornar-se em brasa), já que, no momento em que o ser humano se encontra na história da religião, nunca se viu uma ramificação tão grande dentro do cristianismo, com um discurso de prosperidade e “posse” de bênçãos — uma espécie de intensificação de venda de indulgências — como se vê nos dias de hoje.

Antes de começar analisar os discursos, faz-se mister esclarecer que o objetivo desta análise feita neste estudo não é ir de encontro às religiões cristãs e negá-las, mas ir ao encontro delas e, quem sabe, reafirmá-las.

Assim como nas belas e certas palavras de Mircea Eliade (2010), historiador romeno, professor de História das Religiões, da Universidade de Chicago, é possível concordar que

O sagrado é um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência. Nos mais arcaicos níveis de cultura, *viver como ser humano* é em si um *ato religioso*, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser — ou antes, tornar-se — *um homem* significa ser “religioso” (p. 13).

Então, não se poderá dizer que o escopo deste ensaio é prejudicar o discurso religioso, mas, sim, colocá-lo em exame a fim de observar os dispositivos argumentativos que permeiam a palavra da fé dos dias atuais, e o que o leva a persuadir com sucesso seu público alvo, objetivando, então, a autonomia do fiel. Portanto, o ato de questionar acarreta outras possibilidades de interpretação, e isto é autonomia do sujeito leitor-intérprete.

O discurso religioso, mais especificamente a teologia da prosperidade, apesar de qualquer tipo de análise correr o risco de causar polêmica, é um tema que merece atenção, já que, segundo o historiador supradito, o gênero humano é um ser religioso. Ao abordar este tema, muitas questões podem surgir no leitor, como por exemplo: por que as pessoas dão até o que não têm para receber um milagre? E por que dão a certos tipos de pessoas? Estas questões são importantes para analisar a atual situação religiosa do país. E, com elas, o estudioso tem de buscar respostas na história da religião e nos seus livros, para que, então, possa estar aberto a novas interpretações e consiga desvencilhar-se dos discursos manipuladores.

Nesta análise de discurso, o objetivo é aduzir à luz do conhecimento dos ouvidos incautos certos signos que são orbitados por todo o curso de palavras, cujos receptores não percebem a intenção em que são ditos. O discurso do preletor assume-se em um interdiscurso com o arquitexto (Bíblia), sobretudo alguns excertos de livros do Antigo Testamento. Além disso, nota-se que o discurso religioso não é de todo monológico, pois, por ser interativo, forma-se um diálogo entre os que o ouvem: interação oral,

através de respostas em que os ouvintes concordam participativamente com aquele discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2016). “Aleluia” e “Amém” são palavras ditas, neste contexto, para confirmar como verdade o que se ouviu. Às vezes, o próprio enunciador, como meio de persuasão, exige uma resposta (confirmação) daquilo que ele discursa. Busca-se, como objeto de análise, trechos de discursos orais de pastores evangélicos: Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Agenor Duque. Seguindo a metodologia da Análise do Discurso (AD), configurando-se um estudo comparativo com aproximação à Análise Crítica do Discurso - ACD (DICK, 2015), a fim de, de maneira comparativa, elucidar a retórica empregada para persuadir os fiéis e como isso acontece. Mas, não somente isso, a comparação ao texto bíblico também auxilia esta investigação a obter os resultados desejados. Com um breve histórico do discurso religioso, especificamente o que tange à petição exuberante de ofertas e dízimos, é possível perceber a origem de tal discurso no meio religioso judaico-cristão.

A origem deste discurso pode ser encontrada nos profetas hebraicos do século VI a.C., repetindo-se na Idade Média, com os monges cristãos (LUTERO, 2006). Os resultados alcançados demonstram que, ao perceberem o impacto que o discurso religioso atinge em seus receptores, alguns líderes religiosos ainda permanecem ideologicamente usufruindo de sua audiência cativa; pregam uma teologia da prosperidade: teologia propagadora de que a pobreza é consequência do pecado (ROSSI, 2015). Por fim, o cativo babilônico da Igreja está mais uma vez armado: no Texto Sagrado, as respostas podem ser encontradas, mas o que faz com que esta interpretação não seja alcançada pelos fiéis (para, então, se desvencilharem ou se libertarem a uma nova interpretação) é a memória institucionalizada: uma memória social que diz que há pessoas especiais para interpretar (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 2015), neste caso, o padre ou pastor. E isto leva o leitor à famigerada frase “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32), mas, se a verdade está sujeita à interpretação de poucos, não se tem a liberdade de interpretá-la.

Dito isso, o leitor encontrará, primeiramente, os conceitos de Análise do Discurso em que se teceu este estudo. Por conseguinte, foi separada uma breve história do discurso religioso (sendo que as citações bíblicas foram retiradas da Bíblia de Jerusalém), mormente, o discurso da teologia da prosperidade: o evangelho da saúde e da prosperidade. Em seguida, apresentar-se-á a análise de três discursos de três grandes nomes do meio evangélico: Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Agenor Duque, respectivamente. E, finalmente, o leitor poderá tirar suas próprias conclusões dos resultados aqui referidos.

As pedras angulares

As pedras sobre as quais se alicerçou o presente estudo são as concepções de *Ethos*, *Pathos* e Prosódia, que constroem a estratégia do discurso religioso.

Inicialmente é necessário entender o que é o discurso e, por sua vez, sua análise. O discurso é “a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2015, p. 13), são palavras em movimento que realizam o homem em seu meio natural e social: o instrumento pelo qual o homem faz a sua significação.

Bakhtin (2011) fala, em *Estética da Criação Verbal*, que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (p. 261); pode-se compreender que o homem está sempre significando e dando sentido a si e às coisas, e, conforme a situação, ambiente e contexto, o uso desta linguagem em determinada situação, de uma determinada forma, cria o gênero do discurso.

O ambiente criado pelo homem é uma espécie de “faz de conta”, em que o homem religioso de Eliade compõe seu gênero discursivo. E este homem religioso também foi chamado, pelo filósofo holandês Johan Huizinga, de *Homo Ludens*, ou homem que brinca, que joga.

Huizinga (2014) afirma que, em *Homo Ludens*, ao comentar a indiferenciação do jogo e do culto; assim como o jogo, o culto é um local separado do mundo real, no tempo e no espaço:

[...] a arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial. (p. 13)

Seguindo ainda mais os estudos de Huizinga, ele afirma que todo jogo tem suas regras e, portanto, tem ordem, e os infratores destas regras (chamados pelo autor de “desmancha-prazeres”), ao quebrar a ordem do jogo, devem ser punidos com a expulsão, o que ocorre com “os apóstatas, os hereges, os reformadores, os profetas e os objetores de consciência” (2014, p. 15). Porém, uma diferença entre o jogo e o culto é apresentada por Yuval Noah Harari (2017), doutor em História pela Universidade de Oxford, em *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*; há dois critérios para se concretizar uma ideia religiosa: uma ordem sobre-humana (o que não há no jogo, pois lá se tem a consciência de que quem cria as regras é o próprio homem); e a religião que estabelece normas e valores obrigatórios (o que afeta as outras esferas, saindo do ambiente ilusório do jogo).

Por essa razão, pode-se entender que o culto é um intervalo na vida cotidiana do ser humano, e o homem tem de se submeter às regras desse momento. É onde ocorre o discurso religioso: um discurso sujeito à ordem do culto, direcionado a pessoas também sujeitas a esta ordem. E todos esses sujeitos assujeitados à ordem do discurso religioso que representa o divino, o sobre-humano, não podem questionar a autoridade do sujeito

discursivo, cuja representação é a de portador da palavra de Deus: o pastor, o padre, o líder religioso (CITELLI, 2002).

Sendo assim, o discurso religioso, neste estudo, é posto sob Análise Crítica do Discurso (ACD), consoante a Van Dijk (2015), em que o analista tem um posicionamento explícito, colocando-se em defesa do grupo dominado (no discurso religioso, seriam os fiéis manipulados). Todavia, a fim de se obter maior sucesso na análise, o discurso religioso precisa ser ‘dessacralizado’ (Maingueneau, 2010), isto é, analisado do mesmo modo como qualquer outro discurso, fora de seu isolamento místico.

O discurso religioso acontece através de uma estratégia de discurso, assim postulada por Charaudeau e Maingueneau (2016). Nesta estratégia, é possível encontrar três etapas que se somam para atingir o objetivo do sujeito discursivo: legitimação, credibilidade e captação.

A legitimação e a credibilidade acontecem juntamente para formar o *ethos* — o personagem social, de costumes aceitos pelo sujeito ouvinte, a visão de mundo representada na pessoa do sujeito discursivo. Para Charaudeau (2016, p. 295), “um estado de direito que caracteriza uma pessoa no que concerne à sua situação [...] a de *autoridade institucional*, que é fundada pelo estatuto do sujeito, que lhe confere autoridade do saber (perito, erudito, especialista)”. E é esta legitimidade que é dada ao homem que sobe no púlpito, que lhe é dado o direito de fazer o recorte das Escrituras e legitimar seu comentário. Por sua vez, a credibilidade, que é o processo pelo qual se comprova a veracidade do enunciado, é alcançada pela edição do recorte feito na prédica. Estas duas (legitimação e credibilidade) criam no interlocutor o personagem (*ethos*) persuasivo.

A captação, última etapa, mas não menos importante, é formada pelo que Maingueneau chama de Prosódia. A prosódia são todos os sinais paralinguísticos que rodeiam o discurso: os sons, tons, volumes, pausas, ritmos, etc. Tudo isso com um objetivo último: o *pathos*. O *pathos* é aquilo

com o qual o orador realizará a captação de seu auditório; o excesso sentimental, o ápice emocional, uma espécie de catarse. Já que é neste momento catártico quando o ouvinte, captado ou capturado, colocar-se-á, empaticamente, no lugar de seu orador, e será persuadido a tomar como verdade o que está sendo dito, fazendo o que for pedido. O *pathos* é o excesso emocional, ou aquilo que traz empatia. Visto que o *ethos* é o personagem social, uma aparência do emissor, agradável aos costumes e visão de mundo do receptor, o sujeito discursivo já causa uma boa “primeira impressão”, e, através do uso do *pathos*, pode persuadir seu ouvinte com o efeito transbordante dos sentimentos por ele provocados. Para deixar mais claro o poder das ações patêmicas, citarei as palavras de Quintiliano (1975, apud CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2016), em sua **Institution Oratoire**, “[...] fazer violentar o espírito dos juízes e desviá-lo precisamente da contemplação da verdade, tal é o próprio papel do orador. [...] o juiz tomado pelo sentimento interrompe **totalmente** a busca da verdade” (grifo do autor).

Colocadas as pedras angulares em suas devidas “esquinas”, pode-se começar a erigir a construção do saber, visto que esses três conceitos (*ethos*, *pathos* e prosódia) fundamentam a análise, como também a formação, do discurso, neste caso, o religioso.

A prosperidade histórica aquilatada em balança de precisão

Assim como aquele povo hebreu que se desvencilhou do império egípcio e voltou seus olhos para a figura de um bezerro de ouro chamando-o de seu deus (Ex 32); e, noutra vez, a mesma nação pediu por um rei, negando o seu Deus como seu rei (I Sm 8); e, também, a sequência de reinados da nação judaica cujos reis se corrompiam e se arrependiam, o movimento

cíclico de um apego ao material, o ver para crer (Jo 20.29), repete-se na contemporaneidade.

Porém, como diria Mircea Eliade (2010, p 14), um dos mais eminentes historiadores do século XX, “é graças a crises profundas e às criações delas resultantes que as tradições religiosas conseguem renovar-se”; ou seja, o discurso religioso do “dar (ou pagar) para receber”, na tradição judaico-cristã, vem-se repetindo, e esta repetição é completamente normal, fazendo-se causa necessária através da qual a religião se renova.

Esse discurso do “dar para receber” é, segundo MATOS (2008),

[...] um movimento de origem americana que tem tido enorme receptividade no meio evangélico brasileiro desde os anos 80 é a chamada teologia da prosperidade. Também é conhecida como “confissão positiva”, “palavra da fé”, “movimento da fé” e “evangelho da saúde e da prosperidade”.

O pioneiro deste movimento foi Essek W. Kenyon (1867-1948), “pregador de rádio e ministro metodista” (ROSSI, 2015), tendo escrito quinze livros, influenciou muitos pregadores na década de 1960. Na sequência do discurso da prosperidade, “O grande divulgador dos ensinamentos de Kenyon, a ponto de ser considerado o pai do movimento da fé, foi Kenneth Erwin Hagin (1917-2003)” (MATOS, 2008). Destarte, o discurso destes homens propagados pelo movimento da fé, ou teologia da prosperidade, tem como tema principal o direito do crente em Deus em ser abençoado, e o dever de Deus em abençoá-lo.

Ainda nas palavras de Luiz Alexandre Rossi (2015), doutor em Ciências da Religião,

Essa teologia ensina que a pobreza é demoníaca e que Deus, por ser um pai amoroso e rico, quer ver seus filhos sadios, prósperos e ricos. [...] Ela sustenta que o “verdadeiro cristão” está predestinado a vencer, a ser mais do que um vencedor em todas as esferas da vida. Para a teologia da prosperidade, o sofrimento nega a presença de Deus.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a teologia da prosperidade põe em xeque a solidariedade e benignidade divinas. Se o fiel sacrifica sua vida por Deus, então, Deus está obrigado a dar-lhe tudo que o devoto pedir. Pois, qual seria o sentido — para a teologia da prosperidade — servir a Deus e não receber “nada” (ou o que se pediu) em troca?

Voltando um pouco no tempo, encontra-se esse discurso de confissão positiva já nos séculos da famigerada “Idade das Trevas”. Nessa época, a Igreja Católica pregava uma penitência de obras — pode-se ver resquícios deste pensamento nas “dez Ave-Maria” —, ou seja, para ter certeza do perdão dos pecados, a fim de não ir parar no purgatório, o fiel tinha de fazer prova de sua fé no sacrifício vicário de Jesus: se pecou, pague penitência; reze dez ‘Ave-Maria’ e tantos ‘Pai-Nosso’. Disso, para a cobrança de atitudes e ofertas, é apenas um passo. Prova disso, foi a cobrança de indulgências por John Tetzel (2002), monge do século XVI, que, segundo John Armstrong, afirmara que “quando um homem depositava dinheiro nos cofres [...], uma alma partia do purgatório para o céu, tão logo a moeda tocasse no fundo do cofre” (p. 34).

Porém, Tetzel não fora o único comissário das indulgências. Nas noventa e cinco teses de Lutero (2006), pode-se ler que a cobrança de indulgências era algo comum e já se havia enraizado no meio católico. Cita-se o que é dito em duas de suas teses:

82. Por exemplo: Por que o Papa não evacua o purgatório, por santíssimo amor às almas e pela suprema necessidade das mesmas, sendo esta de todas as causas a mais justa, já que ele redime inúmeras almas por meio do tão miserável dinheiro para construção da basílica, que constitui uma causa tão insignificante?

86. Ou: Por que o Papa, cuja fortuna é maior que a dos Crassos, não constrói com seu próprio dinheiro, ao invés do de seus pobres fiéis, ao menos esta Basílica de São Pedro? (LUTERO, 2006, p. 129, 130)

Estas duas perguntas retratadas por Lutero demonstram o pensamento dos fiéis ao ver o movimento que se ascendera naquele tempo. Visto que havia uma convivência por parte do clero em certas pregações, sobretudo as

pregações de indulgências destes comissários. “66. Os tesouros das indulgências, por sua vez, são as redes com que hoje se pesca a riqueza dos homens” (LUTERO, 2006, p. 128).

Voltando ainda mais nesta linha imaginária do tempo, ao analisar o Antigo Testamento (AT), o pesquisador defronta-se com os sete primeiros capítulos de Levíticos, que tratam dos sacrifícios, oblações e holocaustos.

A base do cristianismo é a tradição judaica, a diferença está em que os cristãos aceitam Jesus como o Messias, e que seu sacrifício superou todos os sacrifícios até então exigidos pela antiga lei. E os judeus não o aceitam, por isso, esperam seu Messias até os dias de hoje. Dessarte, desvela-se aqui onde se inicia o discurso religioso como barganha, uma vez que o discurso dos sacrifícios embasado no judaísmo ainda permanece; ou seja, os líderes aproveitam-se de suas posições para lucrar com o desespero do fiel.

Tendo vistas ao esclarecimento de como funcionava o sistema religioso judaico, quando havia o Templo, segue um excerto do *best-seller* nº 1 do New York Times, Zelota, de Reza Aslan:

O Templo de Jerusalém é uma estrutura mais ou menos retangular, de cerca de quinhentos metros de comprimento por trezentos de largura, equilibrada no topo do monte Moriá, no extremo leste da Cidade Santa. [...] No lado sul do Templo situa-se o maior e mais ornamentado dos pórticos, o Pórtico Real [...]. Esse é o espaço administrativo do Sinédrio [...]. É também onde comerciante e cambistas desmazelados ficam ruidosamente à espera [...].

Os cambistas desempenham um papel vital no Templo. Por uma taxa, eles trocam moedas estrangeiras pelo shekel hebraico, a única moeda permitida pelas autoridades do Templo.

[...] Com a nova moeda na mão, você agora está livre para examinar as gaiolas que foram as paredes periféricas e comprar o seu sacrifício: um pombo, uma ovelha — depende do peso que você tem no bolso, ou do peso de seus pecados. Se o último for maior que o primeiro, não se desespere. Os cambistas estão dispostos a oferecer o crédito de que você precisa para melhorar o sacrifício. Existe um código legal rígido que regulamenta quais animais podem ser adquiridos para a ocasião abençoada. Eles devem estar livres de machucados. Devem ser domésticos, não selvagens. Não podem ser animais de carga. Seja boi ou touro, carneiro ou ovelha, devem ter sido

criados para esse fim. E não são baratos. Por que deveriam sê-lo? O sacrifício é o principal objetivo do Templo. Essa é a própria razão de ser do Templo. As músicas, as orações, as leituras — todos os rituais que acontecem aqui surgiram a serviço desse ritual singular e mais vital. A libação de sangue não só limpa pecados, ela limpa a terra. Ela alimenta a terra, renovando-a e sustentando-a, protegendo-nos a todos da seca ou da fome, ou de coisa pior. O ciclo da vida e morte que o Senhor em sua onificência decretou é totalmente dependente do sacrifício que você fará. Este não é o momento para poupar. (2013, p. 29-30)

Ao termo da leitura deste trecho, pode-se notar que havia um sistema bem estruturado legalmente (Torá, a lei de Moisés), para que fosse seguido, colimando o bom funcionamento dos ritos.

Segundo o arquiteyto (Bíblia), o problema não estava no sacrifício, mas sim na consagração do sacrifício. Conforme o quinto livro do Pentateuco (Dt 15.19), o primogênito (primeiro filhote) dos bovídeos (animais ruminantes) seria consagrado (separado) para Deus. Quando o animal tivesse um ano — concomitante ao dia da expiação (ir ao Templo sacrificar para perdão dos pecados) —, então, ele seria levado ao Templo para sacrificar. Porém, como muitos moravam distante de Jerusalém, era mais fácil comprar no Templo (o que oportunizou a criação de uma moeda pela qual os representantes do Templo podiam cobrar juros) (Op. Cit.).

Pode-se inferir daí o motivo de Jesus entrar no Templo e expulsar os cambistas, citando o profeta Jeremias (7.11): “Está escrito: *Minha casa será chamada casa de oração. Vós, porém, fazeis dela um covil de ladrões!*” (Mt 21.13).

Esta mecanização dos sacrifícios: pagar para receber, demonstra a corrupção da intenção do pecador e da função intercessora do líder religioso. O perdão burocrático abre caminho aos lobos em pele de cordeiro.

Visto esta linha do tempo, pode-se perceber que, conforme Eliade (2010), os movimentos, as problemáticas se repetem ao longo do tempo até surgir uma crítica, uma ruptura: Jesus para o problema infiltrado no judaísmo, e Lutero para o do catolicismo. Assim, renova-se a religião e chega-se aos dias de

hoje: a problemática da cobrança dentro do protestantismo, que é o mais novo movimento dentro da religião monoteísta judaico-cristã.

Antes de encerrar este capítulo, é interessante notar que o movimento circular histórico das ramificações cristãs hodiernas espelha-se no que Eusébio de Cesareia, o pai da história eclesiástica, narra em sua **História Eclesiástica**, do século IV:

a inteira liberdade degenerou em relaxamento e descuido. Nós nos invejávamos, injuriávamos mutuamente, e quando havia oportunidade, pouco faltava para que nos combatêssemos com as armas, ou com as lanças das palavras; os chefes em desavença com os chefes, o povo contra o povo. A maldita hipocrisia e a dissimulação haviam atingido o mais alto grau de malícia. Então, como habitualmente, o juízo de Deus, que governava com suavidade e medida, era protelado (ainda se reuniam as assembleias). Foi entre os irmãos que pertenciam ao exército que começou a perseguição.

Com certa insensibilidade, descuidávamos de tornar a divindade propícia em nosso favor. Agíamos como ateus, julgando não constituírem nossos interesses objeto de solicitude e vigilância divina e acumulávamos as maldades, umas sobre as outras. Os pretensos pastores, desdenhando as normas da piedade, lançavam-se apaixonadamente em mútuas contendas; nada mais faziam que entregar-se a disputas, ameaças, invejas, inimizades e ódios recíprocos; ambicionavam ardorosamente o poder, qual tirania. (EUSÉBIO, 2000, p. 399)

Tudo isso pode ser encontrado nos dias de hoje, o discurso ambicioso de dizer que “a minha igreja é melhor”. A necessidade de tirar o irmão, o fiel, de uma determinada congregação a fim de cativá-lo a sua.

Um litro de trigo por um denário (Cf. Ap 6.6)

Dados os suportes introdutórios e contextuais, ao debruçar-se o leitor sobre este capítulo, espera-se esclarecer onde e como acontece, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, o abuso de poder reproduzido no discurso religioso. Segundo Van Dick (2015, p. 113), “a Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda o modo

como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados [...] por textos orais e escritos no contexto social e político”. Entrando no universo religioso, a ACD é dessacralizante, i.e., ela coloca sob uma mesma análise os diversos discursos: analisa o sagrado com o mesmo método do profano, a fim de encontrar sua autenticidade. Nisto, ratifica Maingueneau (2010, p. 64-65), “Ela [a ACD] é dessacralizante, pois não isola no universo do discurso zonas que seriam sagradas, de existência à parte. [...] Essa atitude produz como efeito dissipar a aura que envolve alguns textos”. Se a Bíblia não ficou de fora desta análise, então, não há problema em submeter o discurso daqueles que se dizem representá-la.

Para começar a análise, o primeiro discurso que se pesa é o **Quanto mais sacrifício, mais bênção**³, do Bispo Edir Macedo, pastor líder da Igreja Universal do Reino de Deus. O leitor tem de ter em mente o que Dooley e Levinsohn (2011) chamam de sinais paralinguísticos — também chamados por Charaudeau e Maingueneau (2016) de prosódia: tom, pausa, ritmo, entonação e qualidade da voz. Estes elementos, que circunvagam pelo teor do discurso, dão força à retórica do sujeito discursivo. Eis o discurso:

Você quer pegar o meu conselho, o meu segredo? Não é só meu — porque você [dirige-se ao interlocutor que está a seu lado], Clodomir, há de convir que, enquanto nós estivermos sacrificando [aqui há uma entonação enfática], enquanto nós estivermos no sacrifício, Deus jamais vai deixar de nos abençoar.

Ao ler esta transcrição do discurso do Bispo, o leitor poderá se deparar com o *Ethos*. O *Ethos* (do grego, personagem) é a imagem do locutor criada pelo sujeito ouvinte, através de uma representação daquele, ou seja, uma espécie de avatar social que o locutor quer que seu público tenha dele (MAINGUENEAU, 2010). Ao questionar os ouvintes, com os dizeres “Você

³ Excerto do discurso postado no canal oficial da Igreja Universal, no YouTube, pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=HymZEBfEmFc&t=1s>.

quer pegar o meu conselho, o meu segredo?”, pressupõe-se que Macedo é um vencedor, tem um ótimo *status* ético: dinheiro, casamento, saúde, paz, etc., e que tem um segredo para viver uma vida assim. Esta autorrealização pessoal é o *ethos* buscado por muitos, e, portanto, muitos aceitarão o discurso que virá na sequência. O *Ethos* é um elemento retórico essencial para gerar o convencimento.

Tomando como base o dito e o não dito (ORLANDI, 2015), o não-dizer contém pressupostos e subentendidos que também significam. O Bispo, ao afirmar que, enquanto se está no sacrifício, Deus abençoa, corrobora que a bênção é imanente ao sacrifício, ou seja, quem sacrifica é imune às dificuldades. Porém, ao comparar este discurso com a história de Jó (Jó 1), “homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal. [...] oferecia um holocausto para cada um [de seus filhos]”, Jó perdeu todos os filhos para a morte e adoeceu, mas não morreu. Jó, no fim, foi restituído. Ao comparar aquele discurso com este texto, é possível notar que a bênção não é inerente ao sacrifício, pois, se assim fosse, Jesus não teria dito “no mundo tereis aflições” (Jo 16.33).

Ao usar esta palavra “sacrifício”, o Bispo usa de retórica com o propósito de convencer seu ouvinte de que este tem de se doar por completo a Deus. Todavia, devido ao desejo do receptor em interagir com Deus, este fica “[...] com a ‘ilusão’ do reversível, dado que os representantes de Deus na Terra parecem falar por ele” (CITELLI, 2002, p. 69), e o único modo, aparentemente, em que o ouvinte consegue interagir com Deus — para, então, realizar seu sacrifício —, é sacrificar aos representantes do Senhor. Por esta razão: a ilusão do reversível, o fiel, em sua necessidade e fraqueza de espírito, crê que o único meio de falar com Deus é através do pastor, padre, etc. Ele deposita tudo de si na pessoa do líder religioso e, então, fará o sacrifício necessário para receber as bênçãos. Pois quer ser um vencedor como aquele que lhe fala; o *ethos* do locutor já cativou o interlocutor.

Veja-se outro exemplo: o discurso de Valdemiro Santiago, pastor da Igreja Mundial do Poder de Deus, proferido aos vinte dias de março de dois mil e dezessete, Subida ao Monte⁴. O Apóstolo sobe ao monte para orar por vidrinhos de óleo que serão enviados para os que doarem para igreja, e esses vidrinhos de óleo são para abençoar as pessoas nesse momento de crise financeira.

Nós temos visto as pessoas cabisbaixas, tristes, desacorçoadas, e nós mesmos que somos chamados das primícias de Deus. Às vezes, nós também nos sentimos tristes com tantas falcatruas, tanta inveja, tanta perseguição, como Elias e Moisés, e outros sentiram, o próprio Jesus. Mas nós temos uma coisa que não são todos que têm. Nós temos este privilégio da fé que Deus nos deu, e a experiência de termos recomeçado muitas vezes. Então, queremos abençoar você, e este azeite, este frasquinho, ele contém o óleo, o azeite de Israel, e tem uma coroa. E isto é com base na palavra, Isaías 61. Vou ler para você agora, e depois nós vamos orar. Mas esses dias nós vamos aumentar ali nosso contingente, né? Na central, porque esse óleo nós não vamos botar só na igreja, não. Nós vamos enviar para você pelos correios. Vamos preparar uma caixinha especial, né? E vamos enviar para você pelos correios, sendo que todas as nossas igrejas do Brasil, e no mundo, né? Nós teremos este óleo, este azeite. E você vai investir na obra de Deus. Nós vamos ter pessoas investindo mil reais, ou mais. Outras investindo quinhentos reais, outras trezentos, até duzentos reais, uma oferta mínima neste propósito da reconstrução da vida.

Nesse discurso, pode-se ver que há repetições, o que é típico de um texto falado (DOOLEY & LEVINSOHN, 2011), palavras como *óleo* e *azeite* são repetidas para confirmar o sacrifício feito pelos representantes de Deus, com vistas à “reconstrução da vida”. Percebe-se também que é explícito o *status* de autoridade do sujeito discursivo quando o Apóstolo afirma ter o “privilégio”: privilégio que o dá competência em abençoar. Nas palavras de Citelli (2002, p. 69), “os pastores, por exemplo, que, não sendo donos da fala (eles só reproduzem ou interpretam), dão a impressão de serem sujeitos do discurso”. Segue-se daí uma estratégia de discurso.

⁴ Transcrição de trecho do discurso postado no canal Glorifica de Pé, do YouTube, pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=eOj2-yb6Q2A&t=2236s>.

A estratégia de discurso desenvolve-se em três etapas (CHARAUDEAU, 1995 apud CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2016):

- 1- Legitimação; que determina a autoridade do sujeito (pressuposta pelo título de apóstolo),
- 2- Credibilidade; que determina seu apoio à verdade (a busca pela concordância com o arquitexto, Isaías 61),
- 3- Captação; que busca fazer com que o ouvinte se sinta incluído no pensamento do sujeito falante (ao afirmar que também sentem tristeza com as falcatruas, inveja e perseguição)

Com esta estratégia discursiva (conscientemente ou não), o sujeito pode encerrar seu discurso com a escolha lexical do verbo “investir”, estabelecendo um valor inicial de duzentos reais a fim de reconstruir a vida do fiel, através da fé daquele que diz ter todos os pressupostos necessários para interceder por ele.

Voltando aos sinais paralinguísticos, o ambiente em que tudo acontece é totalmente preparado para o espírito quebrantado, e este pobre de espírito dará até o que não tem. Trilhas musicais de fundo, louvores, palavras de consolo vão abrindo caminho para o objetivo final: pedir sacrifício, oferta, atitude e escolhas. Para este discurso, imagine o leitor aquele que está necessitado de uma bênção, mas não tem duzentos reais. Ficará de fora.

O último discurso analisado é o de Agenor Duque, pastor da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus. Este discurso foi proferido dentro do templo, e o pastor trata especificamente sobre o dízimo⁵. Veja-se:

⁵ Este recorte deste discurso foi transcrito do vídeo postado no canal Alex IAPTD, do YouTube, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=7yezwrV5Bgo&t=623s>.
Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 34-55

Ontem eu estava almoçando com o pastor Cleber, e ele falou assim: uma pessoa da Congregação Cristã do Brasil — eles não aceitam o dízimo, e o rapaz disse assim: eu não dou o dízimo e eu tenho muito dinheiro. Eu disse para ele: Cleber, a Bíblia nunca disse que quem dá o dízimo vai ficar rico. A Bíblia diz: quando a pessoa dá o dízimo (levante a mão pro céu) o devorador é amarrado. Eu não estou falando mal de vocês que é da Congregação, eu respeito, mas tá pra achar uma igreja onde haja tanta gente doente e enferma que nem vocês.

Nesse discurso, mais uma vez — assim como o de Edir Macedo e o de Valdemiro Santiago —, percebe-se a causa: pagar o dízimo; e a consequência: o devorador é amarrado. Além do mais, pode-se perceber que há neste discurso uma dupla negação de intenção, como diria Van Dick (2015). A primeira negação de intenção está em ele afirmar nunca ter dito que quem dá o dízimo enriquecerá, porém, diz que, se o der, o devorador é amarrado. Este termo “devorador” coaduna-se com o gafanhoto (o devorador dos frutos do campo) citado por Malaquias (MI 3.11), em suma, assim que o devorador é amarrado (repreendido, segundo a tradução ACF; ameaçado, segundo a Bíblia de Jerusalém), então os campos dão seus frutos (fartura, enriquecimento). A segunda negação ocorre quando ele principia dizendo que “não está falando mal” dos membros daquela congregação, mas, em seguida, revela que não há, de modo algum, outra igreja tão doente e enferma quanto esta que não dá o dízimo, reafirmando o que já foi dito pelos outros pastores: a bênção, a cura e o milagre são intrínsecos ao dízimo, à oferta e ao sacrifício.

Considerações Finais

Como visto, os três discursos aqui apresentados e analisados, aparentemente diferentes, demonstram a mesma estratégia de discurso: o *ethos* usa-se do *pathos* através da prosódia, ou seja, o personagem social

(*ethos*), aquele que venceu na vida, usa do sentimentalismo (*pathos*), reforçado pela autoridade demonstrada no tom de sua voz (prosódia, também chamada de sinais paralinguísticos ou extralinguísticos, como os traços de altura, melodia, tom, intensidade, duração, etc), para convencer seu ouvinte. E todos esses discursos, com o seu propósito retórico, são carregados por esses traços. Por esta razão, percebe-se claramente que, com todo este sentimentalismo do locutor, o interlocutor é convencido a, mesmo se não tiver, pagar pelo milagre: mudança de vida. Não obstante, são esses elementos que resultam as causas de um discurso cativante cujos interlocutores o tomam como verdade e são constrangidos a pagar pela bênção.

Todavia, é importante, mais uma vez, ressaltar que o objeto de estudo aqui não é a desmistificação das religiões cristãs; como já disse Noah Harari (2017, p. 218), “hoje a religião é, muitas vezes, considerada uma fonte de discriminação, desavença e desunião. Mas, na verdade, a religião foi o terceiro maior unificador da humanidade, junto com o dinheiro e os impérios”. O problema maior está na cultura que foi implantada por meio de séculos de tradição: o não estudo das Escrituras e, conseqüentemente, o erro (Mt 22.29): a confiança cega na infalibilidade do líder religioso. Por este motivo, o fiel incauto, desconhecedor do arquitexto, Santas Letras, tomará como verdade tudo o que for dito pelo suposto representante de Deus e será capturado pela isca: promessa de vida melhor, tomando sobre si, na maior parte das vezes, um jugo que não pode carregar.

Sendo assim, o estudo aqui feito trouxe como ponderação a “quem lê entenda” (Mc 13.14): a passagem do verdadeiro evangelho — o negar a si mesmo, o fazer a vontade de Deus, primeiro as coisas de cima — para o segundo plano; sobrepondo-se um evangelho egoísta — o culto de si mesmo, o buscar para si — para última instância. Afinal, este culto de si mesmo ocorre através do sacrifício que é incansavelmente exigido, colimando sempre não o agradar a Deus, o fazer sua vontade; mas obter

uma resposta, uma vida de paz e abundância plena aqui na Terra. E este evangelho do sacrifício não responde nem satisfaz o pedido do Mestre “*misericórdia quero, e não o sacrifício*” (Mt 9.13). Esta inversão (que não é coisa nova, como já foi visto) faz-se necessária, no ponto de vista histórico, para que se manifestem os bons (I Co 11.19), e a religião, por meio destes, possa se renovar. Mas não somente isso, quer-se também, com os resultados deste estudo, a autonomia do fiel sobre sua fé, a fim de que ele busque na história religiosa e no estudo do Texto que fundamenta sua fé, a segurança de caminhar com suas próprias pernas.

Referências:

ARMSTRONG, John. *O mistério católico*. Tradução de Marília Accorsi Peçanha. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Tradução de Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DICK, Teun A. van. *Discurso e poder*. (Org.) Judith Hoffnagel, Karina Falcone. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística*. Tradução de Ruth Julieta da Silva e John White. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas, volume I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens — uma breve história da humanidade*. Tradução de Janaína Marcoantonio. 19. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LUTERO, Martinho. *Do cativoiro babilônico da igreja*. Tradução de Martin N. Dreher. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MATOS, Alderi Souza de. *Raízes históricas da teologia da prosperidade*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/313/raizes-historicas-da-teologia-da-prosperidade>>. Acesso em: 6 set 2017.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *A bíblia reinterpretada pela teologia da prosperidade*. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-teologicos/a-biblia-reinterpretada-pela-teologia-da-prosperidade/>>. Acesso em: 6 set 2017.